

DESENHO TIPO MAPA

Gisele Girardi
Universidade Federal do Espírito Santo
gisele.girardi@ufes.br

Diego Rayck
Universidade Federal do Espírito Santo
diego.r.costa@ufes.br

Resumo

Objetiva-se compreender as potencialidades das imagens artísticas, especialmente as que lidam com as dimensões do desenho e da palavra, funcionarem como intercessoras das imagens cartográficas, visando problematizar a ideia de representação como verdade territorial que é associada aos mapas, especialmente no âmbito da cultura geográfica escolar. O encontro entre mapa, desenho e tipo é tomado como dispositivo que é construído por e produz conexões na medida em que experimentações com os três termos em composição vão sendo criadas. Tais conexões são objeto de um programa de estudos cujas ações visam atualização sobre imagens espaciais compostas por desenho e palavras, tais como mapas e obras de arte, ampliando a interlocução e proposição de atividades interdisciplinares nos campos da cartografia geográfica e das artes visuais.

Palavras Chave: desenho; tipo; mapa.

Introdução

As três palavras do título definem, antes de tudo, um lugar de pesquisa. Um lugar que a autoria deste texto resolveu habitar, juntamente com outras conexões que estabelecem com saberes, áreas disciplinares, práticas, grupos de pesquisa e tantas outras dimensões. É, de início, um *entre*, um lugar de encontro de teorias e práticas cartográficas com teorias e práticas artísticas, uma aposta em deslocamentos mútuos e fertilizações cruzadas.

Este *entre* é, ele mesmo, múltiplo. Pode, por vezes, parecer fragmentado. Mas é aí mesmo que nos aterramos: em um programa de estudos¹ cujas ações visam atualização sobre imagens espaciais compostas por desenho e palavras, tais como mapas e obras de arte, ampliando a interlocução e proposição de atividades interdisciplinares nos campos da cartografia geográfica e das artes visuais em âmbitos educativos.

Os âmbitos educativos são tomados de modo amplo. Abarcam, por um lado, a cultura escolar, em que há um campo específico – a cartografia escolar, na qual se tem o desenho

¹ Plano de Trabalho para Licença para Capacitação a ser realizada pela autora no período de 22/09/2025 a 22/12/2025 sob supervisão do autor, intitulado “Desenho-tipo-mapa: imagens cartográficas e artísticas como intercessoras mútuas em âmbitos educativos” (Processo nº 23068.036717/2025-77).

como procedimento introdutório do estudo de mapas. Há, no entanto, um conflito e uma divergência problemática que é instaurada entre ambas as imagens em que os mapas substituem os desenhos como modalidade mais técnica, mais científica e mais verdadeira, baseada no conceito de representação como mimese. Nos estudos contemporâneos na área têm sido problematizadas as noções de representação nesta tradição cartográfica, emergindo debates sobre a pós-representação (Kitchin, 2014; Rossetto, 2016).

As chamadas educações não formais compõem, igualmente, o âmbito educativo. Processos de troca em diferentes âmbitos da vida social com alguma intencionalidade específica, que tem sido um campo privilegiado das intervenções artísticas, são lugares de produção de imagens híbridas e imagens com impulso cartográfico (Alpers, 1983).

No âmbito do presente trabalho, contudo, uma certa centralidade é dada ao mapa, um dos termos do título, ainda que a aposta seja sempre no encontro como dispositivo. A noção de dispositivo aqui articulada advém dos escritos de Kastrup e Barros (2009).

O que caracteriza um dispositivo é sua capacidade de irrupção naquilo que se encontra bloqueado para a criação, é seu teor de liberdade em se desfazer dos códigos, que dão a tudo o mesmo sentido. O dispositivo tensiona, movimenta, desloca para outro lugar, provoca outros agenciamentos. Ele é feito de conexões e, ao mesmo tempo, produz outras. Tais conexões não obedecem a nenhum plano predeterminado, elas se fazem num campo de afecção onde partes podem se juntar a outras sem com isso fazer um todo (Kastrup e Barros, 2009, p. 90).

São apresentadas algumas direções possíveis da pesquisa, não excludentes e não fechadas, na perspectiva de explorar possibilidades de promover os encontros, habitar os *entre* e analisar suas potencialidades inventivas.

Entre topografia e tipografia

Numa primeira direção possível da pesquisa, articula-se tipo de letra e mapa. Tomamos como exemplo um trecho qualquer de uma carta topográfica, um arquétipo de mapa normal.

Um mapa normal, como objeto da cultura, é, em geral, constituído em um híbrido de linguagens. Eco (1991) o classifica como um sistema visual-verbal, ou seja, semioticamente dependente de dois sistemas para poder comunicar ou expressar algo. Por assim dizer, é um objeto composto por traçados desenhados e tipos de letra.

Os traçados desenhados conformam a simbologia ou o sistema sígnico visual. Seu tratamento já foi exaustivamente explorado no âmbito da semiologia gráfica, que defende o mapa como uma tradução de relações dos referentes espacialmente situados e embasa esta tradução nas propriedades perceptivas do olho humano.

O conjunto de escritos do mapa só têm interesse ao campo da semiologia gráfica se tratados como parte do referente, assumindo ou compondo com suas características gráficas. Como exemplos, o rio, com traçado azul e sinuoso ganha seus nomes grafados em tipos azuis e sinuosos; a estrada de ferro, que singrou o terreno em linhas retas, ganha seus nomes (muitas vezes siglas) grafados retilinearmente. Ou seja, as qualidades do referente são traduzidas em signos motivados, que moldam os tipos e cores de letra, o que favorece a leitura pelo agrupamento visual, como demonstram investigações de otimização de leitura de mapas.

Para além das ocupações com a característica do tipo de letra como componente comunicacional, a topografia e tipografia apresentam aproximações pois texto e mapa, quando puderam ser impressos e reproduzidos, moldaram a cultura e o modo de pensar espaço no ocidente.

Entre desenho e mapa

Uma segunda direção possível da pesquisa está na articulação entre desenho e mapa, tema bastante delicado nas práticas de iniciação cartográfica na escola, pois situa o desenho como uma modalidade anterior, preparatória e, por extensão, inferior aos mapas. Mapas são técnicos, têm normas, são por isso verdadeiros. Desenho, não.

Almeida (2011) em um livro voltado para formação de professores de Geografia e das séries iniciais, apresenta seus argumentos em convergência com o que define a corporação cartográfica internacional por meio do concurso Barbara Petchenik da International Cartographic Association: pré-mapas comportam desenhos para fins de aproximação das crianças à linguagem cartográfica. Mapas, não.

No raso da sala de aula – raso porque o debate mais arejado do campo disciplinar da Cartografia não chega lá – pede-se para a criança fazer um desenho de trajeto casa-escola, que em geral tem visão lateral, oblíqua e outras implicadas, a depender da percepção do terreno, além de símbolos diversos: uma árvore é diferente da outra, uma casa é diferente da outra. Depois confronta-se este desenho com um mapa normal para concluir que o desenho é menos que o mapa.

Que outros modos poderíamos habitar o *entre* mapas e desenhos que não somente com hierarquizações e inflexibilidades? Talvez re-desenhar mapas como exercício de tradução (Rayck, 2022), como instauração de outros modos de participar deste objeto da cultura?

Considerações

Os breves exemplos de caminhos possíveis são um movimento inicial da pesquisa que tem como um dos propósitos sistematizar o debate sobre a representação e a pós-representação em cartografia com aportes do campo das artes (Oliveira Jr. e Girardi, 2018), analisando convergências e divergências e tomando obras de arte compostas com traços do

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

universo da cartografia e da tipografia como intercessoras umas das outras, para expandir os próprios limites do entendimento da relação entre desenho e mapa.

Referências

ALMEIDA, Rosângela D. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 5. ed. S. Paulo: Contexto, 2011.

ALPERS, Svetlana. **The art of describing: dutch art in the seventeenth century**. Chicago: UCP, 1983.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

KASTRUP, Virginia; BARROS, Regina B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa - intervenção e produção de subjetividade**. Porto alegre: Sulina, 2009. p. 76-91.

KITCHIN, Rob. From mathematical to post-representational understandings of cartography: Forty years of mapping theory and praxis in Progress in Human Geography. **Progress in Human Geography**, p. 1–7, 2014.

OLIVEIRA JR, Wenceslao M.; GIRARDI, Gisele. Geografias do artista quando coisa. Marcelo Moscheta e Manoel de Barros como intercessores geográficos. **Linha Mestra**, v. 34, p. 18-34, 2018.

RAYCK, Diego. Desenhar o desenho: um processo revolvendo imagens e discursos. In: Existências: **Anais do 31 Encontro Nacional da ANPAP**, 2022.

ROSSETTO, Tania. Semantic ruminations on ‘post-representational cartography’ **International Journal of Cartography**, 2016.